



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

ESCOLA DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Projeto de Pesquisa

Corpos dissonantes, escritas insurgentes:
inflexões feministas na literatura e em outras artes

GRUPO DE PESQUISA: Literatura e Linguagens: fronteira, espaço, performance, memória (UNIRIO)

PROFESSORA RESPONSÁVEL: Carla da Silva Miguelote

REGIME DE TRABALHO: 40h DE

ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguística, Letras e Artes

EQUIPE ENVOLVIDA: Dora de Azevedo Acioli Lutz Barbosa e Ana Carolina Logello Gomes (discentes de graduação)

Rio de Janeiro – RJ
Agosto / 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Resumo

O presente projeto busca investigar inflexões feministas na literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres, assim como suas manifestações em outras artes também produzidas por mulheres no contexto nacional. Importa ressaltar que falamos em inflexões feministas e não femininas, pois parte-se do pressuposto de que: 1) não existe uma essência do feminino; 2) feminismo muitas vezes coincide com a desconstrução do que culturalmente se atribui ao feminino. Nesse sentido, entendemos como inflexões feministas estratégias e procedimentos que configuram um ato de escrever contra: contra a naturalização do feminino e a reprodução de seus estereótipos, contra uma tradição literária masculinista, branca e eurocêntrica, contra a falsa ideia de universalidade do cânone. Interessa a esta pesquisa, portanto, a escrita de corpos marcados pela sua diferença em relação ao pretensamente universal – o homem branco heterossexual, cuja identidade aparece como neutra e não problemática. Desse modo, em nosso *corpus* de análise daremos ênfase à escrita e à criação artística de mulheres lésbicas e/ou não brancas. A investigação será acompanhada e norteada por uma pesquisa teórica realizada em duas frentes. A primeira consiste em uma revisão da crítica literária feminista, sobretudo em suas vertentes angloamericana e francesa. A segunda dedica-se à investigação e ao aprofundamento das interseções entre crítica feminista, estudos culturais, estudos pós-coloniais, pensamento decolonial e teoria *queer*.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Introdução

Dentro da tradição do pensamento ocidental, o dualismo corpo e mente, correlato da distinção entre natureza e cultura, não humano e humano, irracionalidade e racionalidade, rebate-se também sobre a distinção entre mulher e homem. Da filosofia clássica ao senso comum contemporâneo, vigoram dualismos que mais ou menos explicitamente, e a despeito de suas variáveis históricas, alocam o homem ao lado da razão e a mulher ao lado da materialidade corpórea. Desse modo, o universo feminino (sua suposta essência) se vê reduzido ao corpo, à biologia e à natureza, o que implicaria seu afastamento da esfera do simbólico, da linguagem e da cultura, domínios exclusivos do masculino. O confinamento da mulher ao corpo justificaria seu afastamento da vida intelectual, da esfera política, do pensamento filosófico, do conhecimento científico, da criação artística e literária.

Ressalta-se que os dualismos da cultura ocidental nunca são neutros, pois implicam sempre um sistema hierárquico, em que um dos termos da oposição binária é desvalorizado em detrimento do outro. A filosofia platônica considerou o corpo e o sensível como fontes de engano, obstáculos ao conhecimento, afirmando que apenas através da razão e de processos puramente inteligíveis poder-se-ia atingir a verdade. Na esteira dessa tradição filosófica, Descartes endossa a cisão entre mente e corpo, expulsando o último do campo filosófico e identificando o sujeito soberano do conhecimento a uma mente incorpórea. O desenvolvimento da racionalidade filosófica e científica coaduna-se, ainda, com a objetificação da natureza, que assume o estatuto do feminino, e que, como a mulher, apresenta-se como instância a ser decifrada, dominada e controlada. Ou seja, dentro da ordem hierárquica que configura esses binarismos, a esfera do feminino (vinculada à natureza, ao corpo e à biologia) é vista como inferior ao domínio masculino (da cultura, da razão e da linguagem), devendo ser a ele subordinada. Desse modo, compreende-se que, embora confinada à corporeidade, a mulher não é dona do próprio corpo, pois caberia ao homem, supostamente dotado de alma superior e detentor da razão, decidir sobre os destinos do corpo feminino. A mulher é, assim, alienada de seu corpo, que é objetificado pelo olhar masculino e controlado por suas leis.

A crítica a essa associação entre mente e masculinidade, por um lado, e corpo e feminilidade, por outro, é cara ao pensamento feminista, tendo se debruçado sobre ela filósofas como Simone de Beauvoir, Judith Butler e Susan Bordo. Beauvoir, em *O segundo sexo*, observa que a compreensão da mulher como encerrada em seu corpo, e portanto em sua subjetividade, a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

apresenta como incapaz de pensamento objetivo, condição necessária para o conhecimento científico, enquanto o homem, descorporificado, entendido como o universal e abstrato, atenderia naturalmente aos preceitos da objetividade. A relação da mulher com o mundo seria intermediada e condicionada por seus ovários e útero, enquanto o homem (esquecendo-se de que tem hormônios e testículos) encara o próprio “corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender em sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão” (BEAUVOIR, 2009, p. 16).

Judith Butler (2015, p. 35) retoma as considerações de Beauvoir a esse respeito, fazendo a ressalva de que, em última instância, a filósofa mantém a distinção binária entre mente e corpo. “A preservação dessa distinção pode ser lida como sintomática do próprio falocentrismo que Beauvoir subestima”, afirma Butler (2015, p. 35-36). Lembrando que, de Platão a Sartre, passando por Descartes e Husserl, o dualismo corpo e alma sustenta relações de subordinação, Butler (2015, p. 35-36) observa que, dentro dessa tradição filosófica, a “mente não só subjuga o corpo, mas nutre ocasionalmente a fantasia de fugir completamente da corporificação”. Nesse sentido, afirma que “qualquer reprodução acrítica da distinção corpo/mente deve ser repensada em termos da hierarquia de gênero que essa distinção tem convencionalmente produzido, mantido e racionalizado” (BUTLER, 2015, p. 36).

Em seu livro de 1987, *The flight of objectivity: essays on cartesianism and culture*, Susan Bordo observa que, embora identificado com a natureza, o corpo da mulher é um texto da cultura, submetido ao escrutínio masculino e forjado por discursos patriarcais, que lhe impingem regulamentos e valores. Nesse sentido, Bordo denuncia a epistemologia radicalmente masculinista erigida pelo Iluminismo e suas consequências para as formas pelas quais os corpos das mulheres são até hoje compreendidos e construídos. No artigo “A feminista como o Outro”, a filósofa afirma que “enquanto os homens são os teóricos culturais do corpo, apenas as mulheres têm corpo. Enquanto isso, é claro, o ausente corpo masculino continua a operar ilicitamente como a norma (científica, filosófica, médica) para todos” (BORDO, 2000, p. 15). Assim, a especificidade concreta do corpo masculino desaparece sob o signo de uma universalidade abstrata, tornando-se o próprio Corpo, “enquanto o corpo feminino permanece marcado por suas diferenças” (BORDO, 2000, p. 15).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Dessa forma, podemos entender que, embora a reivindicação central da primeira onda do feminismo (entre finais do século XIX e início do século XX) tenha sido pelo direito ao voto (a ponto de sufrágio ter sido entendido como um sinônimo de feminismo), as questões relacionadas ao corpo sempre foram um campo prioritário para as pautas feministas. De todo modo, a centralidade do corpo para as lutas das mulheres se torna mais evidente hoje, na chamada quarta onda do feminismo, pois é em torno dele que se travam suas principais lutas: contra a violência doméstica, contra o estupro, contra os imperativos opressores de feminilidade ou beleza feminina, em favor dos direitos reprodutivos e da legalização do aborto, em favor do livre exercício da sexualidade e da divisão de tarefas relacionadas à maternagem etc. Nesse sentido, as inflexões feministas na literatura e nas artes passam também pelo corpo, que é tematizado, convocado, interpelado e reivindicado como plataforma de expressão.

Cumprido ressaltar, entretanto, que não apenas o gênero funciona como um marcador corporal. São marcados, no interior de uma cultura, todos os corpos que escapam dos padrões de referência. Numa cultura patriarcal, eurocêntrica, racista e cisheterossexista, são marcados os corpos de mulheres, negros, indígenas, homossexuais, transexuais etc., enquanto os corpos de homens brancos e cisheterossexuais aparecem como não marcados. No livro *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, Guacira Lopes Louro (2018, p. 69-70) observa que aspectos corporais – a “cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios” –, quando significados culturalmente, “se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade”. Lopes Louro ressalta, ainda, que as marcas corporais são também marcas de poder, pois são esquadrihadas com vistas a uma hierarquização, que determina os lugares sociais que cada sujeito pode ocupar.

Tendo apostado numa suposta categoria universal de mulher, ignorando marcações culturais de raça, classe, etnia, nacionalidade e sexualidade, o feminismo hegemônico começou a ser mais vivamente questionado e problematizado nos anos 1990, na terceira onda feminista. Assim, as lutas contra o racismo e a lesbofobia, por exemplo, precisaram ser travadas dentro do próprio feminismo, muitas vezes aliado das opressões coloniais, raciais e cisheterossexistas do patriarcado. Por isso, a quarta onda do feminismo é também fundamentalmente interseccional e altamente crítica ao feminismo hegemônico. Por isso também, o corpo é central para as pautas do feminismo negro, do feminismo indígena, do feminismo decolonial e do lesbofeminismo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

María Lugones, uma das principais vozes do feminismo decolonial, observa que, sob a suposta categoria universal de mulher, encaixam-se apenas as mulheres burguesas brancas. As fêmeas que não se enquadram nessa descrição, afirma, “eram vistas e tratadas como animais, em um sentido mais profundo que o da identificação das mulheres brancas com a natureza, as crianças e os animais pequenos” (LUGONES, 2020, p. 74). Ou seja, as fêmeas não brancas, racializadas como seres inferiores, seriam “marcadas sexualmente como fêmeas, mas sem as características da feminilidade” (LUGONES, 2020, p. 74).

Vê-se que a associação das mulheres com a corporeidade e a natureza assume características muito mais violentas e desumanizadoras quando se trata de mulheres não brancas. A desconsideração das vivências específicas das mulheres indígenas e negras escravizadas se mostra, assim, uma das principais contradições do feminismo latino-americano, como observa Lélia Gonzales em seu artigo “Por um feminismo afro-latino-americano”, de 1988. Gonzales (2020, p. 49) relembra o dito popular brasileiro “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” para denunciar as violências sobre os corpos das “amefricanas” no Brasil: “abolida sua humanidade, elas são vistas como corpos animalizados”. Por um lado, são vistas como “burros de carga”, a suportar o peso do trabalho braçal e a exploração socioeconômica. Por outro, seus corpos são vistos como hipersexualizados e disponíveis ao acesso sexual dos homens brancos. Desse modo, observa-se que as noções de pureza e fragilidade associadas à feminilidade dizem respeito não à mulher, como categoria supostamente universal, mas às mulheres brancas burguesas.

Daí a importância do conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989. Lugones enfatiza a importância conceitual da interseção das categorias de raça e gênero nas análises das feministas de cor, observando que essas categorias as invisibilizam:

Kimberlé Crenshaw, eu e outras mulheres de cor feministas argumentamos que as categorias são entendidas como homogêneas e que elas selecionam um dominante, em seu grupo, como norma; dessa maneira, “mulher” seleciona como norma as fêmeas burguesas brancas heterossexuais, “negro” seleciona os machos heterossexuais negros, e assim sucessivamente. [...] Na interseção entre “mulher” e “negro” há uma ausência onde deveria estar a mulher negra, precisamente porque nem “mulher” nem “negro” a incluem. [...] Isso significa que o termo “mulher”, em si, sem especificação dessa fusão, não tem sentido ou tem um sentido racista [...]. (LUGONES, 2020, p. 60)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Num outro viés, poderíamos dizer que o termo mulher, em si, sem especificação, tem um sentido heterossexista, pois as características, de pendor essencialista, associadas à feminilidade excluem também as mulheres lésbicas. Assim como as feministas negras foram acusadas de “antifeministas e ‘racistas às avessas”” (GONZALES, 2020, p. 49), as lésbicas se afiguraram, para o feminismo hegemônico, como uma ameaça, a chamada “ameaça lavanda” (em referência à cor roxa, que se tornou a cor da bandeira lésbica). Invisibilizadas pela sociedade heteronormativa e patriarcal, enfrentando a lesbofobia dentro do feminismo e o machismo dentro do movimento LGBT, as lésbicas precisaram criar uma linha própria de ativismo, apontando, por um lado, para os preconceitos encobertos sob o manto da sororidade universal, e, por outro, para as contradições de um movimento que, em nome da diversidade sexual, sempre priorizou as pautas de homens gays. De modo semelhante, as mulheres negras, enfrentando o racismo dentro do feminismo e o machismo dentro do movimento negro, precisaram se articular enquanto feministas negras.

Diante do exposto acima, ressaltamos que, embora o presente projeto se proponha a investigar inflexões feministas na criação literária e artística de mulheres, em nosso *corpus* de análise daremos ênfase à autoria de mulheres lésbicas, negras e indígenas, na tentativa de contribuir para a construção de uma espécie de “cânone das margens” – expressão irônica, como observa a escritora Conceição Evaristo (2017), que questionaria a própria noção de norma a ser seguida. Nesse sentido, um dos objetivos da pesquisa consiste em testar, no âmbito da literatura nacional, a hipótese, levantada por Elaine Showalter (1990), de que a escrita de mulheres é *bitextual*, ou um discurso de duas vozes, pois se faria em diálogo a um só tempo com o cânone – esmagadoramente branco e masculino – e com uma tradição literária, paralela e silenciada, de autoria feminina. Desse modo, pretende-se investigar, na escrita e na arte contemporânea feita por mulheres, possíveis formas de reescrita, apropriação, paródia ou subversão da longa tradição masculinista, por um lado, e possíveis formas de diálogo, homenagem, influência ou ecos de uma recente tradição literária e artística de autoria feminina, por outro.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Objetivos

- a) Realizar uma revisão da crítica literária feminista, dos anos 1970 aos dias atuais;
- b) Investigar e aprofundar as interseções entre crítica feminista, estudos culturais, pensamento pós-colonial, feminismo decolonial e teoria *queer*;
- c) Mapear a produção literária e artística de autoria feminina lésbica, negra e indígena no Brasil nas duas últimas décadas;
- d) Identificar, nas obras mapeadas, os principais procedimentos e estratégias de inflexão feminista, assim como as principais figurações do corpo e modalidades de relação entre corpo e escrita, corpo e criação artística;
- e) Cotejar o uso de procedimentos e estratégias nas diferentes artes;
- f) Criar um site destinado a compartilhar os resultados parciais da pesquisa, tanto no que diz respeito à investigação teórica quanto no que se refere ao mapeamento da produção literária e artística relacionada.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Relevância científica

Se o cânone literário e artístico é predominantemente masculino, branco e eurocêntrico, sabemos que isso se deve a uma série de silenciamentos. Por um lado, as mulheres foram proibidas ou desestimuladas de estudar e de desenvolver suas capacidades intelectuais, artísticas e criativas. Por outro lado, mesmo quando conseguiram, a despeito das dificuldades, exercer atividades nessas esferas, foram menos reconhecidas do que seus pares homens, desconsideradas ou vistas com descrédito ou desconfiança (não é outro o motivo de tantas escritoras do século XIX terem assumido um pseudônimo masculino). A essas camadas de silenciamentos que pesam sobre a voz feminina, somam-se ainda outras quando se trata de mulheres lésbicas e/ou não brancas.

Mesmo quando se trata da crítica literária feminista, o estudo e a análise de obras de escritoras lésbicas, negras e indígenas foi, durante muito tempo, bastante restrita. No artigo “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”, de 1980, a escritora e feminista lésbica branca americana Adrienne Rich (2010, p. 22) denuncia a “negligência total ou virtual da existência lésbica em um amplo conjunto de textos, inclusive da produção acadêmica feminista”. No mesmo ano, a escritora e feminista lésbica negra americana Audre Lorde escrevia, no artigo “Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença”: “A literatura de mulheres de cor raramente é incluída em cursos de literatura de mulheres e quase nunca em outros cursos de literatura” (LORDE, 2019, p. 242). No que diz respeito à literatura indígena, a ausência de uma tradição de textos escritos agrava ainda mais esse quadro de negligências. Como observa Ria Lemaire (1994, p. 61), a perspectiva “scriptocêntrica” que domina as universidades exclui as tradições orais da historiografia cultural. E, uma vez que a “escrita é uma conquista recente para a maioria dos 250 povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoriais” (MUNDURUKU, 2014, s/p), é também recente e ainda escasso o estudo dessa literatura.

É verdade que esse panorama vem mudando. Nas últimas duas décadas, a palavra das mulheres e a potência de subjetividades não normativas vêm se impondo no campo da literatura e das artes, com um número crescente de publicações, exposições e festivais. Se, como diz Hélène Cixous (2010), as mulheres foram afastadas da escrita tão violentamente quanto o foram de seus corpos, trata-se de observar o que acontece quando se quebra a barreira do silêncio, quando corpos dissonantes propõem escritas insurgentes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Metodologia

Inicialmente, faremos uma pesquisa teórica em duas frentes. A primeira consiste em uma revisão da crítica literária feminista, sobretudo em suas vertentes angloamericana e francesa. A segunda dedica-se à investigação e ao aprofundamento das interseções entre crítica feminista (Elaine Showalter, Hélène Cixous), estudos culturais (Homi Bhabha, Stuart Hall), estudos pós-coloniais (Edward Said, Frantz Fanon, Gayatri Spivak), feminismo decolonial (Grada Kilomba, Lélia Gonzales, María Lugones) e teoria *queer* (Guacira Lopes Louro, Judith Butler, Teresa de Lauretis).

Em um segundo momento, consolidaremos um mapeamento de obras literárias e artísticas de mulheres brasileiras nas duas últimas décadas, de autoria lésbica, negra e indígena. A partir desse mapeamento, selecionaremos as obras que serão estudadas e analisadas.

No que diz respeito à narrativa literária de autoria lésbica, um primeiro mapeamento inclui: *A história de Carmen Rodrigues* (2014), de Ana Luiza Libânio; o livro de contos *Amora* (2015) e o romance *Controle* (2019), de Natalia Borges Polesso; a trilogia *O suave tom do abismo* (2015-2018), de Diedra Roiz; e o livro de contos *Um Exu em Nova York* (2018), de Cidinha da Silva. No que se refere à escrita poética lésbica, constam em um primeiro mapeamento os seguintes livros: *Réplica das urtigas* (2010), *Aceno* (2014) e *Onde estão as bombas* (2019), de Tatiana Pequeno; *Dedos não brocham* (2012), de Alessandra Safra; *Coração de ontem* (2015), de Rita Moreira; *07 notas sobre o apocalipse ou poemas para o fim do mundo* (2019), de Tatiana Nascimento; *Poemas crus* (2016) e *Panaceia* (2020), de Cecília Floresta; *Quase todas as noites* (2016), de Simone Brantes; *Em que pensaria quando estivesse fugindo* (2016) e *Aos outros só atiro o meu corpo* (2019), de Maria Isabel Iorio; *Um útero é do tamanho de um punho* (2012) e *Canções de atormentar* (2020), de Angélica Freitas; *e outros poemas* (2018), de Letícia Feres; *Néctar 44* (2019), de Aline Miranda; e *Redondezas* (2020), de Bel Baroni.

No panorama inicial de narrativa de autoria negra constam: *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves; *Livro do avesso: o pensamento de Edite* (2019), de Elisa Lucinda; *Água de barrela* (2016) e *O crime do cais do valongo* (2018), de Eliana Alves Cruz; o romance *Ponciá Vicêncio* (2017) e os livros de contos *Olhos d'água* (2014) e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), de Conceição Evaristo; e o já citado livro de contos *Um Exu em Nova York* (2018), de Cidinha da Silva. No que diz respeito à escrita poética de autoria negra, destacam-se, inicialmente:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Só as mulheres sangram (2017), de Lia Vieira; *Um buraco com meu nome* (2018), de Jarid Arraes; *Use o Alicate Agora* (2018), de Natasha Félix; *Aquenda: o amor às vezes é isso* (2018), de Luna Vitrolira; *e fica um gosto de cica na boca* (2019), de Janaína Abílio; *Talvez precisemos de um nome para isso* (2019), de Stephanie Borges; *O coice da égua* (2019), de Valeska Torres; além dos livros já citados de Tatiana Nascimento e Cecília Floresta.

No primeiro mapeamento de escritoras indígenas, destacam-se: o livro *Metade Cara, Metade Máscara* (2004) e as obras infantojuvenis *O Coco que Guardava a Noite* (2004), *O Pássaro Encantado* (2014) e *A Cura da Terra* (2015), de Eliane Potiguara; e o livro *Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade* (2013), de Marcia Wayna Kambeba.

No que diz respeito a outras artes, destaca-se o mapeamento inicial de curtas e médias-metragens dirigidos por mulheres. De autoria negra, constam: *Aquém das nuvens* (2010), de Renata Martins; *O dia de Jerusa* (2014), de Viviana Ferreira; *Cinzas* (2015), de Larissa Fulana de Tal; *Kbela* (2015), de Yasmin Thayná; *Black Berlim* (2009) e *Rainha* (2016), de Sabrina Fidalgo. De autoria lésbica, constam: *Vó, a senhora é lésbica?* (2018), de Bruna Fonseca e Larissa Lima; *Peixe* (2018), de Yasmin Guimarães; *A felicidade delas* (2019), de Carol Rodrigues; *Caminhada lésbica por Marielle* (2018), de Rita Moreira; e *Quebra-mar* (2019), de Cris Lyra. E de autoria indígena constam: *As Bicicletas de Nhanderu* (2011), *Desterro Guarani* (2011), *Mbya Mirim* (2013) e *No caminho com Mario* (2014), de Patrícia Ferreira (Para Yxapy); *Terra Nua* (2014) e *Mãos de Barros* (2016), de Graciela Guarani.

Em uma terceira etapa do projeto, tendo ampliado esses mapeamentos iniciais, tentaremos identificar, nas obras mapeadas, os principais procedimentos e estratégias de inflexão feminista, assim como as principais figurações do corpo e modalidades de relação entre corpo e escrita, corpo e criação artística. Além disso, propomos cotejar o uso de procedimentos e estratégias nas diferentes artes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BARROS, Roberta. *Elogio ao toque: ou como falar de arte feminista à brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Do Autor, 2016.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORDO, Susan. A feminista como o Outro. *Estudos Feministas*, v. 8, p. 10-29, 2000.

_____. *The flight of objectivity: essays on cartesianism and culture*. Albany: State University of New York Presse, 1987.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo: N-1 Edições; Crocodilo, 2019.

CIXOUS, Hélène. *Le rire de la meduse et autres ironie*. Paris: Edition Galiléé, 2010.

CLARKE, Cheryl. El lesbianismo: Un acto de resistencia. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (eds.). *Esta puente, mi espalda*. San Francisco: Ism Press, Inc., 1988, 99-107.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, v. 10, p. 171-188, 2002.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. Nexo Jornal: 26 Mai 2017. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-ne-gra%E2%80%99>. Acesso em: 17 de agosto 2020.

FAJARDO-HILL, Cecilia; GIUNTA, Andrea. *Radical women: Latin American Art, 1960-1985*. Los Angeles: Hammer Museum, 2017.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA-PINTO, Cristina. O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. *Revista Iberoamericana*, v. LXV, n. 187, p. 405-421, abr-jun 1999.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

FIDÉLIS, Gaudêncio. *Queer museu: cartografias da diferença na arte brasileira*. Rio de Janeiro: AMEAV, 2018.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GONZALES, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

GREEN, James N. et al. *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: L&PM, 2000.

HAMMOND, Harmony. *Lesbian art in America: a contemporary history*. New York: Rizzoli International Publications, 2000.

HOLANDA, Karla (org.). *Mulheres de cinema*. Rio de Janeiro: Numa, 2019.

HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcanti. *Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro*. Campinas, SP: Papirus, 2017.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

_____. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

_____. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (orgs). *The Spivak reader*. New York: Routledge, 1996.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.
- MOI, Toril. *Teoría literaria feminista*. Madrid: Cátedra, 1988.
- MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade. Disponível em: <https://www.revistapessoa.com/artigo/594/literatura-indigena-e-o-tenue-fio-entre-escrita-e-oralidade>. Acesso em: 17 de agosto de 2020.
- NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes artistas mulheres?* São Paulo: Aurora, 2016.
- RECKITT, Helena (ed.). *Art and feminism*. New York: Phaidon Press, 2012.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades*. Natal: v. 4, n. 5, jan./jun. 2010, p. 17-44.
- RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tania Regina de Oliveira (org.). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SALGADO, Teresa et al. *Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- SHOWALTER, Elaine. Feminism and literature. In: COLLIER, Peter; GEYER-RYAN, Helga (orgs.). *Literary theory today*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1990.
- SPIVAK, Gayatri. Literatura. *Cadernos pagu*, n. 19, p.9-53, 2002.
- _____. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SUSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito. *Vozes femininas: gênero, mediações e práticas de escrita*. Rio de Janeiro: 7letras: Fundação Casa Rui Barbosa, 2003.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.